



CARTOGRAFIA SOCIAL E MAPAS AFETIVOS: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA AS POLÍTICAS SOCIAIS

Social cartography and affective maps: a methodological proposal for social policies

Cartografía social y mapas afectivos: una propuesta metodológica para políticas sociales

Caio Cezar Cunha¹ 
Ideni Terezinha Antonello² 

RESUMO

As técnicas de cartografia social podem ser aliadas da gestão territorial nas políticas sociais quando desenvolvida em cooperação com os trabalhadores dos serviços públicos e a população por eles atendida. O uso das tecnologias cartográficas incorporada a métodos interdisciplinares tem facilitado o trabalho de compreensão das territorialidades e promovido o aprimoramento dos estudos das subjetividades. Os serviços públicos que atuam no território necessitam de ferramentas que auxiliem a elaboração de diagnósticos mais precisos com a realidade da população, bem como, carecem de informações qualitativas para compreender contextos mais complexos tendo em vista a particularidade dos serviços. Neste sentido, buscamos desenvolver uma proposta metodológica utilizando as práticas de cartografia social e mapas afetivos no intuito de viabilizar, por meio das técnicas de investigação dos sentimentos e emoções, a produção de representações cartográficas que possibilite a visualização espacial das expressões de estima das pessoas em relação aos seus lugares de vida. Essa proposta de mapeamento segue critérios que transformam dados qualitativos em quantitativos, visando atender as demandas das políticas sociais de modo funcional e prático respaldando as tomadas de decisão com elementos mais específicos e particulares de cada território de vivência da população.

Palavras Chave: Cartografia social; Mapas afetivos; Território; Políticas sociais; Assistência Social.

ABSTRACT

Social cartography techniques can be allied to territorial management in social policies when developed in cooperation with public service workers and the population served by them. The use of cartographic technologies incorporated into interdisciplinary methods has facilitated the understanding of territorialities and promoted the improvement of studies of subjectivities. The public services that operate in the territory need tools that help the elaboration of more accurate diagnoses with the reality of the population, as well as, they lack qualitative information to understand more complex contexts in view of the particularity of the services. In this sense, we seek to develop a methodological proposal using social cartography practices and affective maps in order to enable, through the techniques of investigating feelings and emotions, the production of cartographic representations that allow the spatial visualization of the expressions of esteem of people in relation to their places of life. This mapping proposal follows criteria that transform qualitative data into quantitative ones, aiming to meet the demands of social policies in a functional and practical way, supporting decision-making with more specific and particular elements of each territory where the population lives.

Keywords: Social cartography; Affective maps; Territory; Social politics; Social assistance.

¹ Bolsista Capes Estágio Pós-Doutoral pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Londrina, e-mail: caiocezar.cunha@uel.br

² Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, Pesquisadora CNPq - Bolsista PQ 2, e-mail: antonello@uel.br

RESUMEN

Las técnicas de cartografía social pueden aliarse a la gestión territorial en las políticas sociales cuando se desarrollan en cooperación con los trabajadores de los servicios públicos y la población atendida por ellos. El uso de tecnologías cartográficas incorporadas a métodos interdisciplinarios ha facilitado la comprensión de las territorialidades y promovido la mejora de los estudios de subjetividades. Los servicios públicos que operan en el territorio necesitan herramientas que ayuden a la elaboración de diagnósticos más certeros con la realidad de la población, así como, carecen de información cualitativa para comprender contextos más complejos dada la particularidad de los servicios. En este sentido, buscamos desarrollar una propuesta metodológica utilizando prácticas de cartografía social a través de mapas afectivos para posibilitar, a través de técnicas de investigación de sentimientos y emociones, la producción de representaciones cartográficas que permitan la visualización espacial de las expresiones de estima de las personas en relación con sus lugares de vida. Esta propuesta de mapeo sigue criterios que transforman datos cualitativos en cuantitativos, buscando atender las demandas de las políticas sociales de manera funcional y práctica, apoyando la toma de decisiones con elementos más específicos y particulares de cada territorio donde vive la población.

Palabras clave: Cartografía social; Mapas afectivos; Territorio; Política social; Asistencia social.

INTRODUÇÃO

A cartografia social e os mapas afetivos têm demonstrado ser importantes ferramentas para a gestão de políticas públicas sociais. Estas ferramentas permitem que sejam feitas análises espaciais, de modo a avaliar a realidade social, seus processos de mudança e as condições de vida das pessoas. Além disso, é possível a identificação de problemas e necessidades reais, possibilitando a elaboração de políticas públicas mais eficazes, alinhadas com as condições e as demandas da população. Nesta discussão, apresentaremos uma construção metodológica como possibilidade de operacionalizar caminhos mais subjetivos na obtenção de dados qualitativos na gestão das políticas públicas sociais.

A demanda por novas formas de levantamento de informações sociais se justifica pela falta de ferramentas capazes de captar mais profundamente a realidade presente nos territórios de vida das pessoas. Os dados fornecidos por institutos de pesquisa são eficazes e necessários para compreender a realidade da população, mas acreditamos que são limitados para contextos mais complexos e locais, e podem, em muitos casos, negligenciar ou não captar situações urgentes de precariedades pessoal.

Esse debate se realiza baseado em estudos já efetivados por nós (CUNHA, 2014, 2018) no município de Londrina, PR, devido a necessidade de aprimorar a operacionalidade da gestão das informações territoriais da Secretaria de Assistência Social de Londrina e auxiliar a execução de diagnósticos mais precisos e concisos com as necessidades da população atendida pelos serviços públicos em geral. Temos por objetivo apresentar um método de levantamento de informações sociais que partem das próprias pessoas que vivenciam e constroem cotidianamente seus territórios

de vida. Esse método é constituído com etapas de pesquisa de campo, oficinas e conversas com a população visando alcançar respostas subjetivas e quantificáveis para a construção de uma base de dados e posteriormente estar apta a uma modelagem das informações em softwares de geoprocessamento.

Além de apresentar a construção metodológica, nosso intuito também é defender a importância da investigação territorial amparada na participação popular e na cartografia social, utilizando o conceito dos mapas afetivos como alternativa de levantar dados qualitativos e transformá-los em material sistemático viabilizando operacionalmente a gestão dos serviços de Assistência Social.

Para materializar tal objetivo, foi necessário relacionar os elementos da cartografia social aos conceitos da Psicologia Socioambiental e a apreensão dos afetos. Adaptamos as ferramentas de pesquisa utilizadas na produção de Bomfim (2010) com o Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA) que propõe a investigação dos sentimentos e emoções das pessoas a partir de desenhos e palavras-síntese. A adequação do IGMA ao nosso objetivo inclui a sistematização das informações qualitativas para viabilizar a construção de representações cartográficas e atender as demandas apresentadas nos serviços de gestão das informações sociais, tendo em vista que os mapas são o principal instrumento de gestão do território utilizado por esses serviços.

O desenvolvimento do presente estudo está dividido em quatro momentos: O debate sobre o conhecimento e a ciência popular, Proposta metodológica de aplicabilidade, Operacionalização, tratamento dos dados e análise e Considerações finais. Respectivamente, estruturamos o debate que justifica e destaca a necessidade de validar o conhecimento popular como um saber científico e relevante para conhecer efetivamente o território. No segundo e terceiro momento apresentamos o caminho operacional para desenvolver estudos desta natureza e garantir clareza nos critérios e alcançar resultados que sejam compatíveis com o contexto apresentado pela população. Concluímos nas Considerações finais com algumas possibilidades adicionais e viabilidade de trabalhos interdisciplinares dentro desta perspectiva de pesquisa e envolvimento de métodos com propósitos em comum.

Debate sobre o conhecimento e a ciência popular

A denominação de conhecimento, em primeiro momento, transporta um valor de caráter intelectual conquistado por vias teóricas, acadêmicas e atingido por uma pequena parcela da população. Devemos ter em mente que o conhecimento também abrange a aplicação prática, a experiência vivida e a interação com as demandas da realidade. Ele não se restringe apenas a

conceitos teóricos, mas se estende a uma ampla gama de formas de aprendizado, incluindo a experimentação, a resolução de problemas do cotidiano e a absorção do conhecimento tácito transmitido através de gerações concretizados pelo o senso comum e o conhecimento de causa. O conhecimento, portanto, pode ser uma fusão dinâmica entre teoria e prática, enriquecendo nossa compreensão do mundo de maneiras profundas e multifacetadas.

Para debatermos o conhecimento, precisamos debater o campo de ação e da práxis que nasce da reflexão e se torna um ciclo de (re)construção das teorias e consequentemente das práticas. Neste cenário, precisamos confrontar conhecimento e ciência hegemônica e nos despir de algumas “verdades” teóricas, monoculturais e universais que posicionam o conhecimento ocidental como central, negando o legado do conhecimento derivado do local e produzido a partir de racionalidades culturais e sociais distintas. Essa “verdade”, tem organizado e orientado a ciência hegemônica desde sua origem. Na América Latina, segundo Catherine Walsh, desde os anos 90, se observa

[...] un fortalecimiento de estos supuestos como parte de la globalización neoliberal extendida a los campos de la ciencia y el conocimiento. A partir de este fortalecimiento, evidente en la mayoría de las universidades de la región, la escisión cartesiana entre el ser, hacer y conocer, entre ciencia y práctica humana, se mantiene firme; el canon eurocéntrico-occidental se reposiciona como marco principal de interpretación teórico: y el borramiento del lugar (incluyendo la importancia de las experiencias basadas-en-lugar) se asume sin mayor cuestionamiento. (Walsh, 2007, p. 103)

A falta de aprofundamento das experiências baseadas no lugar, confirmam a necessidade de busca por alternativas à conformação excludente e desigual do mundo moderno, exigindo empenho para desconstruir o caráter universal e natural da sociedade capitalista. A escala da problemática de negação e invalidação do saber local é global. Enrique Dussel (2005, p.28) classifica os países colonizados como a periferia do sistema mundial desde o ano de 1942, período que se inicia o colonialismo político de subordinação, que, mesmo não existindo em sua totalidade nos dias atuais, permanece de forma imaterial no imaginário dos colonizados e foi transportado pelas heranças culturais até os dias de hoje.

Essa repressão

[...] recayó, ante todo, sobre los modos de conocer, de producir conocimiento, de producir perspectivas, imágenes y sistemas de imágenes, símbolos, modos de significación; sobre los recursos, patrones e instrumentos de expresión formalizada y objetivada, intelectual o visual. Fue seguida por la imposición del uso de los propios patrones de expresión de los dominantes, así, como de sus creencias e imágenes referidas a lo sobrenatural, las cuales sirvieron no solamente para impedir la producción cultural de los dominados, sino también como medios muy eficaces de control social y cultural, cuando la represión inmediata dejó de ser constante y sistemática. (QUIJANO, 1999, p.13)

Da mesma forma que essa imposição imaterial foi concebida no imaginário das populações colonizadas, foi também imposta a forma de produzir, material e imaterialmente, alterando os

padrões da produção de conhecimento e significados nativos. Esse processo causou um profundo enraizamento de costumes externos na vida das pessoas e até os dias atuais facilmente observamos. O que nos interessa neste recorte são os padrões instituídos do saber, da ciência e da negligência do conhecimento de causa, fazendo prevalecer apenas o saber científico, construído por intelectuais e para intelectuais.

Deste modo nos colocamos a refletir sobre a intensidade que o enraizamento colonial herdado influenciou no universalismo dos conceitos e conseqüentemente nas interpretações generalistas e fora do contexto de nossa realidade latino-americana, nacional e local. Quantas vezes foram negligenciadas por não terem validade científica ou conhecimento técnico para refutar tomadas de decisão dos órgãos gestores. É por esta via que nos propomos a formular novos métodos que valorize os contextos reais de vida em busca de sair do ciclo de teorias totalizantes confirmado por Lander (2005,p.7) quando defende que o modelo neoliberal “[...] é debatido e combatido como uma teoria econômica, quando na realidade deve ser compreendido como o discurso hegemônico de um modelo civilizatório”, ou seja, estrutura hegemônica que reduz os valores básicos da sociedade no que diz respeito ao ser humano.

Estas demandas comprovam a necessidade de manter uma postura crítica em relação à ciência clássica, dominante e do discurso sustentado pelo status quo científico e intelectual. Da mesma forma, que é necessário encontrar formas operativas de utilizar a ciência popular a favor de quem as constrói. Em consonância a isso, Borda confirma que

É preciso, pois, aproximar-se das bases da sociedade não apenas com o objetivo de entender sua própria versão de sua ciência prática e expressão cultural, mas também para procurar formas de incorporá-las às necessidades coletivas mais gerais, sem ocasionar a perda de sua identidade e seu teor específico. (Fals Borda, 1981, p.47)

E a prática de incorporá-las deve ser papel do investigador, pois, o trabalho de sistematização e integração dos saberes a favor da classe popular, assume relevância no papel analítico e transformador dos contextos reais de vida. E essa incorporação deve ser guiada por pressupostos que Borda (1981) denomina de Ciência modesta e técnicas dialogais que pode ser resumido em duas ideias sintetizadas no quadro 1:

Quadro 1 - Duas ideias essenciais para o pesquisador

1. que a tarefa científica pode ser realizada mesmo em situações primitivas com uso de recursos locais e principalmente com modéstia do pesquisador no manuseio do aparelho científico e nas concepções técnicas.

2. que o pesquisador deveria (a) abandonar a tradicional arrogância e aprender a ouvir discursos concebidos em diferentes contextos culturais. (b) romper com a assimetria das relações entre entrevistador e entrevistado; (c) compreender as pessoas das bases como indivíduos ativos e pensantes.

Fonte: Fals Borda (1981, p. 56) (elaborado pelo autor)

A “ciência modesta” e as técnicas dialogais ou de pesquisa participante são elementos indispensáveis para o esforço que procura estimular a ciência popular e promover essa sabedoria e a cultura popular, ampliando o conhecimento de práxis até um nível mais geral. Por conseguinte, podemos afirmar que esse é o objetivo da investigação-ação-participação e que respaldam as ciências emergentes e subversivas com intuito de fortalecer o conhecimento e a cultura das bases sociais.

É a partir do que foi exposto, que pretendemos abordar em nosso diálogo um esforço de aproximar os instrumentos da cartografia dos contextos sociais, da vida e as relações que valorizam o próprio território. Para isso, apresentaremos uma proposta metodológica que utiliza ferramentas já conhecidas de cartografia social, mas neste caso, ampliamos o diálogo para além da cartografia nos aproximando de reflexões da Psicologia Ambiental e do IGMA (Instrumento Gerador de Mapas Afetivos) que nos fornece subsídios para analisar, de modo mais íntegro as pessoas em seu território, proporcionando uma compreensão, mesmo que sutil, das expressões de vida que são concretizadas na formação e caracterização destes espaços vividos.

Proposta metodológica de aplicabilidade

Com o objetivo de operacionalizar e transformar o debate teórico em mecanismos de execução, partimos para o processo de ação utilizando as ferramentas de Cartografia Social amparado pelas percepções da Psicologia Socioambiental via IGMA. Gerar mapas afetivos, assim como denomina o presente instrumento, se torna um desafio tendo em vista o grau de complexidade de captar emoções e sentimentos. Encontrar caminhos que acessem os afetos dos sujeitos refletidos na realidade cotidiana, indica subjetividade e provoca uma noção intangível de

ser nomeada ou categorizada. Então, o desafio central desta proposta metodológica foi como chegar a estes sentimentos sem correr o risco de obter somente resultados concretos e racionais.

Por isso procuramos buscar metodologias que auxiliam o processo de tornar tangível algo intangível. E na Psicologia Ambiental podemos encontrar direções que facilitam esse processo, buscando um instrumento que inclua imagens e palavras, pela formulação de sínteses ligadas aos sentimentos que as pessoas portam sobre seus ambientes de vida.

A Psicologia Ambiental, apesar de controvérsias acerca de sua caracterização e de apresentar definições com limites imprecisos, tem por preocupação não comprometer a ciência com reducionismos arbitrários e pode ser compreendida como estudo das inter-relações entre o ser humano e seu ambiente sócio-físico, considerando seus aspectos individuais e coletivos que os decorrem (Pinheiro; Günther; Guzzo, 2014). dessa forma, é possível compreender que essas relações que transformam seus territórios, o sujeito passa também a ser transformado. Sobre essas questões, é possível compreender que, assim como a Geografia aqui representada, a Psicologia Ambiental também necessita ser trabalhada numa perspectiva interdisciplinar uma vez que são diversos os olhares necessários para analisar o comportamento de aspectos físicos, sociais, culturais e simbólicos envolvidos nas relações pessoa e ambiente. A Psicologia Ambiental, assim como nossa abordagem geográfica, propõe um diálogo a partir de uma outra racionalidade ambiental, que não separa razão de emoção e, portanto, sujeito de objeto (Alencar; Bomfim; Barrocas, 2010).

Segundo Corraliza (1998, p.292) “a interação indivíduo-ambiente está relacionado à conversão do espaço físico em espaço significativo. O significado do ambiente se refere à representação que um ambiente tem para a pessoa”. Nesta perspectiva, deve-se levar em conta, além dos elementos físicos e sociais já mencionados, a experiência emocional do lugar, considerando os aspectos individuais que tem por base a relação dialética do sujeito e do ambiente, “onde o meio interfere na construção do sujeito e este, na construção daquele” (CORRALIZA, 1998, P.293)

Fica evidente que a Geografia e a Psicologia Ambiental podem percorrer caminhos em comum quando compreendemos a relevância da interdisciplinaridade – ainda mais quando uma ciência consegue amparar as fragilidades da outra – e do uso de novos métodos para levantar informações sociais e subjetivas.

Esta proposta metodológica está diretamente relacionada com a necessidade de interpretação subjetiva do território e passa a ser materializada por meio do instrumento de apreensão dos afetos, este instrumento busca calcular o que Bomfim (2010) denominou de Estima de Lugar e que é definida como

[...] uma forma específica de conhecimento, relativa ao aspecto de significado ambiental na dimensão de emoções e sentimentos sobre o ambiente construído. Como categoria social, a estima pode ser compreendida como uma forma de pensamento social que caminha em paralelo a outros de simbolismo do espaço, derivado da categoria de identidade social urbana ou de uma afetividade do lugar. (Bomfim, 2010, p. 218)

Pensar a afetividade não é só pensar o sentimento do sujeito com o meio, mas pensar sua interação, construção e modificação. É um fenômeno que está diretamente conectado à atuação do homem no território e pode ser mais um componente a ser considerado para avaliar e implementar políticas públicas. Por esse motivo é necessário gerar representações cartográficas que sejam capazes de representar sistematicamente esses contextos que são construídos, modificados e reconstruídos. Para isso será exposto o procedimento de operacionalização da proposta metodológica recriada por nós a partir da adaptação do instrumento elaborado por Bomfim (2010), seguido de um breve debate sobre as possibilidades que se abrem a partir dos resultados que o instrumento é capaz de alcançar.

Com as pesquisas da professora Zulmira Bomfim (Bomfim, 2010; Bomfim et al., 2013; 2014) foi possível compreender articulações da Psicologia Ambiental com a Psicologia Social, na qual se estrutura importantes contribuições para pensar a relação entre sujeito e ambiente a partir da afetividade. A compreensão de afetividade que Bomfim trabalha é alicerçada na contribuição da filosofia de Spinoza (2009), sendo que os afetos se referem ao corpo e a mente, sendo eles uma única coisa, que são afetados por outros corpos, de modo que sua eficiência e ação pode ser aumentada ou diminuída, causando, respectivamente, liberdade ou passividade.

O Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA) adaptado em nosso processo metodológico, propõe uma análise qualitativa baseada na articulação entre significados, qualidades e sentimentos atribuídos à desenhos, ou seja, as imagens criadas e seus significados, são os principais recursos da metodologia e revelação dos sentimentos e afetos dos sujeitos sociais envolvidos na pesquisa. Referenciado na perspectiva histórico-cultural de Vigostsky (1991), afirma serem os afetos o subtexto da linguagem, que em nosso contexto é a expressão afetiva dos sujeitos baseados nos desenhos de seus territórios e da escrita sobre eles. Nessa perspectiva, Bomfim elucida que:

[...] os desenhos e metáforas são recursos imagéticos reveladores dos afetos que, juntamente com a linguagem escrita dos indivíduos pesquisados, nos dão um movimento de síntese do sentimento. O desenho é a criação de uma situação de aquecimento para a expressão de emoções e sentimentos e a escrita traduz a dimensão afetiva do desenho. As metáforas são recursos de síntese, aglutinadores da relação entre significados, qualidades e sentimentos atribuídos aos desenhos. (Bomfim, 2010, p. 137)

A importância destes recursos como desenho e palavras-síntese para revelar a afetividade são fundamentais para estimular os indivíduos a atingirem seu grau de emoção sobre aquele território e dessa forma, poder descrevê-lo de maneira sintética. Mas como captar o significado do território no afeto enquanto função psicológica? Em diálogo com a teoria de Vygotsky, Bomfim esclarece que:

[...] é necessário captar o subtexto da linguagem, a linguagem da emoção, durante o processo interativo. O desenho, a projeção da imagem da cidade e a metáfora, segundo nossa proposição, são recursos para a clarificação deste subtexto, nem sempre facilmente captado. A metáfora é um recurso linguístico que, com base em uma linguagem figurada, desvela o afeto pela imagem. (Bomfim, 2010, P.138)

“As metáforas podem ser formas eficazes de apreensão dos afetos, porque vão além da cognitividade. Seu alvo maior é a conquista da intimidade” (Bomfim, 2010, p.139). A conquista da intimidade quando comunitária, revela informações de grande interesse para poder conhecer uma realidade e compreender os contextos de coletividade. Lakoff (1980) ressalta a importância das metáforas na interpretação das experiências concretas e coloca “[...] así pues, descubrimos que nuestros conceptos de objetos, igual que nuestros conceptos de acontecimientos y atividades, emergen de manera natural de nuestra experiencia en el mundo” (Lakoff, 1980, p.163).

Ao trabalhar as possibilidades de categorizar os sentimentos das pessoas pelas respostas fornecidas, acreditamos que esses, após a reflexão sobre a própria produção do desenho, permitem uma revelação e manifestação comunitária das experiências concretas do cotidiano. São essas características apoiadas nas reflexões de Vygotsky (1991) que nos permitem o aprofundamento das discussões sobre as pessoas e a subjetividade a partir da linguagem e semiótica, bem como, a análise de subtexto proposta, que permite a apropriação de processos psicológicos fundamentais e que subsidiam nossos procedimentos sistemáticos, permitindo aproximações das expressões por meio dos mapeamentos.

Para chegar ao produto que possibilita a sistematização e consequentemente os mapeamentos, é necessário realizar atividades em grupo com a população, ter um recorte espacial pré-estabelecido, bem como, cumprir as etapas metodológicas que vão direcionar ao objetivo da oficina. Essas etapas são realizadas dentro da atividade com a população, que, dentro de uma amostragem sob o recorte espacial estabelecido, foi convidada a participar da oficina. É necessário que a quantidade de pessoas que participam da oficina seja a mesma em todas as oficinas realizadas.

Iniciando a atividade, em primeiro momento é explicado como a oficina se desenvolverá, após as explicações e tiradas as possíveis dúvidas, entrega-se a folha para preenchimento, de um lado da folha (em branco) é o espaço para realizar o desenho, do outro, temos campos para serem preenchidos (figura 1) que identificamos algumas informações gerais como sexo, idade, cidade de

origem, residência e tempo de residência e endereço. Essas questões servem para criarmos um perfil de cada participante da amostra, localizar seu local de moradia e poder relaciona-lo, posteriormente, com dados socioeconômicos, tanto de dados internos da política de assistência social, como dados de institutos federais de pesquisa.

Figura 1 – Folha da atividade

SEXO: Masculino () Feminino ()	Número:	PALAVRAS QUE SINTETIZAM TEUS SENTIMENTOS: 1. 2. 3. 4. 5. 6.
IDADE:		
CIDADE ORIGEM:		
CIDADE RESIDÊNCIA:		
TEMPO DE RESIDÊNCIA:		
ENDEREÇO:		
MEU DESENHO SIGNIFICA:		
SENTIMENTOS (EMOÇÕES) QUE O DESENHO DESPERTA:		

Fonte: Cunha, 2023

Como já pontuamos, a primeira etapa sugerimos realizar o desenho com o intuito de um “aquecimento”, ou seja, com ele as pessoas passam a abstrair para seus contextos de vida fora da sala e começam a fazer relações metafóricas (ou não) com seus territórios. A expressão de suas emoções e sentimentos se iniciam no desenho, a escrita do outro lado da folha (Figura 1) servirá para traduzir a dimensão afetiva dos sentimentos já presenciados, para nós, um ponto relevante na atividade, pois preencherá campos que posteriormente poderão ser quantificados e transformados em representações cartográficas. Outro ponto importante é que os participantes não preencham seu nome na folha de atividades, é colocado apenas um número (no superior da figura) para cada participante, esse número é relacionado com endereço (sigiloso) que será utilizado para realizar nosso mapeamento e que será melhor detalhado no próximo tópico.

Após este preenchimento, iniciamos a primeira pergunta que induz o participante a fazer referência ao desenho atribuindo-lhe um significado. Na próxima pergunta, tentamos abstrair um pouco mais, esforçando-se para reproduzir alguma representação escrita do desenho. Após essas duas perguntas, vamos para as palavras-síntese. Nesse momento chamamos a atenção para que suas emoções e sentimentos fossem sintetizados em seis palavras ou pequenas frases que dessem a entender, de modo resumido, seu território e consecutivamente seu desenho.

De forma sistematizada (Quadro 2), nossa proposta sugere que siga as seguintes etapas:

Quadro 2 – Etapas de desenvolvimento da atividade

1 Desenho	2 - Significado do desenho	3 - Sentimentos que o desenho desperta	4 - Palavras-síntese
Primeiro item do instrumento. Propositamente, foi tomado como primeiro para possibilitar um processo representacional imagético. O desenho tem como função facilitar a expressão das emoções	Segundo item tem como função exibir o que o respondente quis apresentar com o desenho. Para efeito de análise, consideramos o significado que a pessoa atribuiu ao desenho, em sua estrutura e significado.	Terceiro item tem como função estimular que a pessoa expresse os sentimentos relacionados ao desenho. Este procedimento está fundamentado no método processual de Vygotsky (<i>apud</i> LURIA, 1986) para a compreensão do sentido da comunicação complexa.	Quarto item do instrumento sintetiza os sentimentos provocados inicialmente pelo desenho e, em seguida pelos itens anteriores. Pode repetir as palavras desde que cada uma das palavras preencham as 6 lacunas a elas destinadas.

Fonte: Cunha, 2023

O objetivo desta atividade para nossa proposta é criar relações entre o desenho (representação metafórica) e as palavras-síntese e levantar categorias para alimentar a frequência de aparecimento das palavras respondidas pelos participantes nos campos designados, e assim, poder sistematizá-las na construção do mapeamento das expressões. As categorias: Agradabilidade, Pertencimento, Insegurança e Contraste, vão subsidiar a espacialização dos fenômenos (Quadro 3) e foram elaboradas para acolher todas as expressões manifestadas pelos participantes, cada uma possui características que distinguem as expressões, facilitando a separação e sistematização para o futuro mapeamento.

Quadro 3 – Detalhamento das categorias de análise

Agradabilidade	Pertencimento	Insegurança	Contraste
Encontramos palavras que mostram sentimentos de vinculação ao lugar e suas qualidades positivas. Ex.: Eu gosto daqui, é tranquilo, é um lugar agradável, ninguém perturba.	Nesta categoria encontramos sentimentos, emoções e palavras que remetem identificação com o lugar. Ex.: Esse sítio faz parte de mim, sou apegado a essa chácara, tenho amor a esse lugar.	Nesta categoria estão todos aqueles sentimentos que envolvem algo inesperado, instável e, às vezes, negativo. Ex.: fico tenso, falta de atenção, dor, tristeza, medo.	Nesta categoria temos sentimentos emoções que expressam palavras contraditórias em que há uma polarização positiva e negativa. Ex.: é lindo mas é feio, tensão e tranquilidade, me sinto livre mas com medo de sair.

Fonte: Cunha, 2023

A proposta de classificação destas categorias é a de saturação, à medida que as expressões respondidas pelos participantes se repetem, são contabilizados a frequência de aparecimento em cada uma delas, possibilitando a quantificação e criação de uma tabela com pequeno banco de dados contendo a localização geográfica de cada participante juntamente com a quantificação em colunas de cada uma das quatro categorias trabalhadas.

Operacionalização, tratamento dos dados e análise

O tratamento dos dados provenientes das atividades para a categorização e contabilização das palavras, são guiadas e residem na abordagem qualitativa da Psicologia Socioambiental segundo propõe Bomfim (2010, p.148) a partir da análise de subtexto e do sentido de (Vygotsky, 1991). Que expõe um diálogo entre pensamento e fala, coletivo e singular, sujeito e cultura, apresentando-os como unidade: “O sentido da palavra é a soma de todos os eventos psicológicos evocados em nossa consciência graças à palavra. O significado é só uma dessas zonas do sentido, a mais estável, coerente e precisa” (Vygotski, 1991, p.333).

A transformação do sentimento em palavra é um processo complexo e dinâmico, na qual a objetivação do sujeito, nem sempre consegue ser alcançada por meio de uma ou mais palavras escritas, para esclarecer de outra forma, Vygotsky (1991) afirma que há sempre um subtexto oculto em todo enunciado. Desse modo, o sentimento ou afeto, não é expresso somente em palavras, é necessário ter meios complementares de expressão que viabilizem a manifestação destes

sentimentos para que o subtexto das mensagens seja mais perceptível aos olhos do investigador “[...] buscando também o pensamento que a constitui e sua motivação, já que por trás de cada pensamento há uma intenção afetivo-volitiva” (Vygotski, 1991, p.324). Por esse motivo, que propomos a utilização de outras formas de expressão além das palavras, como já mencionamos, o desenho se faz presente para estimular a apreensão dos afetos e também auxiliar a análise e interpretação da atividade como um todo.

Os desenhos estão presentes em diversas técnicas de atividades e oficinas com a população, principalmente por meio dos mapas falado, mentais ou cognitivos. Essas formas de mapeamento estão diretamente relacionadas aos mapas afetivos. O mapa cognitivo é tido como um processo no qual a mente humana codifica, armazena, decodifica e representa o ambiente espacial (Bomfim, 2015, p.52). Nesse processo, estão ações como percepção de imagens, memorização e projeção (Souza, 1995). Os mapas mentais, segundo Oliveira (2006, p. 36) “[...] não devem ser vistos como meros produtos cartográficos, mas como forma de comunicar, interpretar e imaginar conhecimentos”.

Nesse sentido, propomos para interpretação dos desenhos a obra de Lynch (1997) – um dos pioneiros a estudar a representação mental do território em relação ao comportamento humano – o qual enfatiza que uma imagem pode ser analisada em três componentes: identidade, estrutura e significado, elementos de referência facilmente identificáveis pelo indivíduo. Para Lynch (1997, p.18) “[...] não devemos imaginá-las num plano abstrato, pois, esses três elementos aparecem juntos”. Além dos três componentes, Lynch (1997) propõe a interpretação a partir de cinco elementos físicos: vias, limites, bairros, cruzamentos e elementos marcantes, atribuindo um valor interpretativo para cada um deles.

Esses procedimentos são parte da operacionalização que devem ser realizadas para poder estruturar e subsidiar as análises dos resultados das atividades, as contribuições de Lynch (1997) são técnicas para se coletar informações a respeito da imagem interiorizada que as pessoas possuem e está relacionada ao modo como os sujeitos experienciam o ambiente, sendo importante os seguintes aspectos: físicos, sociais, culturais e históricos. E por isso, a função de interpretação e de construção de significados tem relevância nos processos de apropriação e identificação dos ambientes que podemos pesquisar.

O processo de análise e transformação dos dados brutos em dados úteis podem contar com a sistematização em duas etapas: 1. Análise de conteúdo; 2. Categorização das unidades, a saber:

1. Análise de conteúdo: Levantar os elementos de cada uma das atividades vinculando desenhos e palavras-síntese onde o desenho pode conter diversas possibilidades de interpretação que auxiliam sua compreensão como: elementos do urbano como estrutura geral; elementos do

urbano isolado; ou elementos do urbano como metáforas. E a estrutura geral dos mapas cognitivos (Lynch, 1997) que envolve seus aspectos estruturais e de identidade.

2. Categorização das unidades: classificar as palavras-síntese até uma saturação de respostas com fim de diferenciação para possibilitar a construção de uma tabela em que se enquadrem as categorias e a frequência de aparecimento das palavras-síntese em cada uma das dimensões já mencionadas: Agradabilidade, Pertencimento, Insegurança e Contrastes.

O conteúdo das palavras-síntese pode variar de sentimentos, qualidades, substantivos ou outras expressões que fogem ao que foi solicitado, por isso a necessidade de explicar a atividade de modo didático e claro, pois esperamos que neste item o participante afirme com clareza e precisão o seu sentimento. Tal clareza é voltada tanto para a pessoa que responde, como para análise do investigador sobre a ressignificação do que foi provocado pelo desenho e perguntas posteriores da folha de atividade. É por isso que as questões que antecedem as palavras-síntese são tão relevantes no processo de construção do instrumento, pois qualificam de modo geral o que o participante está querendo demonstrar em suas respostas como um todo.

Após realizada essas sistematizações, é necessário adicionar os endereços em tabela para vincular a frequência das quatro categorias nas localidades de cada um dos participantes. Feito isso, a próxima etapa consiste na importação desta tabela para um software de geoprocessamento para trabalhar a espacialização dos dados e verificar qual forma de representação temática melhor se ajusta ao objetivo pesquisado. Dentro das técnicas de mapeamentos temos duas que melhor representam contextos de expressões espaciais com características mais subjetivas: círculos proporcionais e a densidade de Kernel. Entre as duas, a que mais se adapta a essas representações em escalas aproximadas de 1:25000, é a de densidade de Kernel.

O uso da densidade de Kernel se adapta melhor para o objetivo de representações subjetivas por se tratar de um dado com representação espacial contínua e que possui uma variação conforme a mensuração de cada ponto no mapa. Segundo Kawamoto, a densidade de Kernel:

[...] suaviza a superfícies, calculando a densidade para cada região da área de estudo, utilizando interpolação. Isto permite a construção de uma superfície contínua de ocorrências das variáveis, inferindo para toda a área de estudo a variação espacial da variável [...] permitindo verificar, em escala global, possíveis tendências de dados. (Kawamoto, 2012, p.17)

Em síntese, a densidade de Kernel quantifica as relações dos pontos dentro de um raio de influência com base em determinada função estatística analisando os padrões inseridos por determinado conjunto de dados pontuais. Essa representação se utiliza de duas variáveis: o valor de cada ponto no mapa (endereço dos participantes com o dado da frequência de repetições

relacionadas as categorias) e o valor da distância entre os pontos. Ou seja, além da mensuração do ponto, também é considerado a proximidade que os respondentes se encontram, dando a noção de intensidade dos dados de acordo com cada categoria trabalhada. A representação das expressões mapeadas será visualizada por meio do “mapa de calor” que a densidade de Kernel representará.

Com essas representações será possível traçar múltiplas análises espaciais daqueles territórios, tendo em conta que os mapeamentos são provenientes de dados subjetivos, a dimensão qualitativa dessas informações fornece subsídios para analisar cenários que comumente institutos ou pesquisas tradicionais de âmbito quantitativo não conseguem absorver e estimar.

Acreditamos que mensurar o afeto positivo ou negativo da pessoa com seu espaço de vida provoca sentimentos que influenciam sua ação e vontade de agir desencadeando uma série de mudanças no meio. Nas palavras do filósofo “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (Espinosa, 2008, p.163). Compreendemos que os afetos são mudanças que ocorrem simultaneamente no corpo e na mente e que proporcionam mudanças também simultâneas materiais e imateriais no meio. A maneira como sentimos nosso território pode aumentar ou diminuir nossa potência e a própria vontade de agir. E a potência e possibilidade de agir está diretamente relacionada com a autoestima dos indivíduos, a estruturação das identidades e da valorização das pessoas como porta-voz de suas necessidades, a potência de agir emancipa, cria laços de cooperação e gera autonomia decisória nos espaços de vida.

Dessa forma, por meio das sistematizações e mapeamentos, tornamos possível analisar os cenários considerando a abordagem da filosofia espinosana, classificando os afetos como potencializadores (vinculados a categorias de Agradabilidade e Pertencimento) ou despoticizadores (relacionados a categorias de Insegurança e Constrastes), além de possibilitar análises individuais que cada uma das categorias pode apresentar. Efetuar a mensuração pautada nestes critérios após os resultados dos mapeamentos é de grande relevância para avaliar o nível das expressões de estima das pessoas, essa avaliação fornece subsídios para compreender mais profundamente as situações de ofertas ou precariedade que os territórios apresentam.

Pensar a afetividade não é só pensar o sentimento do sujeito com o meio, mas pensar sua interação, construção e modificação. É um fenômeno que está diretamente conectado à atuação do homem e pode ser mais um componente a ser considerado para avaliar e implementar políticas públicas. Segundo Bader Sawaia, a:

[...] afetividade é um meio de penetrar no que há de mais singular na vida social coletiva, pois ela constitui um universo peculiar da configuração subjetiva das relações sociais de dominação. É um fenômeno privado, mas cuja gênese e consequência são sociais (Vygotsky, 1934-1982), constituindo-se em ponto de tramitação do social e do psicológico, da mente e do corpo e, principalmente, da razão e da emoção. Segundo

Dejours (1999), “negar ou desprezar a afetividade é nada menos do que negar ou desprezar o homem, sua humanidade, o que é negar a própria vida”. (Sawaia, 2010, p. 40)

Nessa perspectiva, podemos perceber que a noção de afetividade está diretamente relacionada com o aumento ou a diminuição da nossa capacidade de agir, que conseqüentemente constituem nossos modos de existir. A afetividade com o meio regula nosso modo de pensar, de agir e sentir e determinam as possibilidades de transformação e emancipação que os sujeitos possuem de suas próprias vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Repensar as políticas sociais a partir do protagonismo popular é essencial para buscar meios mais precisos de investigação que possam aprimorar os resultados e promover maior impacto na vida das pessoas. Por isso propomos o IGMA e a Cartografia Social como instrumentos norteadores, pois subsidia a aplicação de análise qualitativa baseada na articulação entre significados, qualidades e sentimentos atribuídos a imagens criadas pelas próprias pessoas – a fim de revelar os afetos destes com o meio em que vivem. A intenção é poder categorizar esses sentimentos com o intuito de identificar mecanismos potencializadores ou despotencializadores de ação das pessoas que envolvem características individuais e que se relacionam diretamente com a perspectiva de futuro pessoal, bem como fragilidades internas e sociais.

Acreditamos que as pesquisas científicas que trabalham os contextos sociais complexos devem incorporar a participação popular e estar integrada com as organizações populares a fim de considerar as pessoas mais do que beneficiários passivos de seus resultados, mas como as mulheres e os homens cuja participação efetiva e crítica atribui maior sentido a essas investigações. A pesquisa não é popular porque os pesquisados participam, mas porque a própria pesquisa se projeta e desdobra por meio da participação dessas pessoas no que objetiva despertar ferramentas mais subjetivas e sensíveis às particularidades da população.

O estudo objetivou abrir a oportunidade de novas formas de manipulação dos dados e informações territoriais para complementar os diagnósticos já realizados pela Secretaria de Assistência Social e outras Secretarias que trabalham com informação territorial. Essa proposta procura gerar informações qualitativas da população por meio de suas próprias manifestações afetivas em relação ao seu território. A ferramenta de desvelar os afetos sociais objetivou agregar o fator localização para compreender não apenas o perfil da população, mas saber a abrangência e

onde essas expressões estão ocorrendo com a finalidade de compor os diagnósticos socioterritoriais realizados pelos serviços públicos.

Consideramos que o instrumento pode deflagrar a representação da expressão das pessoas e permitir a construção de mapas afetivos agregados ao fator localização. Além disso, estimula a interação e vivência do investigador com os profissionais responsáveis pelos serviços e com a população. As representações cartográficas que podem ser alcançadas apresentam elementos que antes não podiam ser observados, as representações espaciais pautadas em dados qualitativos e que mensuram os afetos da população resultando em dados quantitativos, podem ser usados para facilitar o olhar da gestão para contextos mais complexos e subsidiar as tomadas de decisão.

Por fim, acreditamos que pesquisas práticas associadas a propostas interdisciplinares podem fornecer novos caminhos de gestão das políticas sociais, valorização do trabalho do profissional e do reconhecimento da população como detentora do conhecimento de causa, entendemos que técnicas subjetivas possuem fragilidades, mas o intuito destes estudos consiste em abrir o diálogo e a oportunidade de aprimorar e expandir esses instrumentos que nos enuncia a perspectiva de compreensão mais real dos contextos de vida.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, H. F.; BOMFIM, Z. A. C.; BARROCAS, R. L. L. Epistemologia ambiental na psicologia: pela emergência de um saber complexo. In: **CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DOS SETE SABERES**, 2010, Fortaleza. Anais... Fortaleza: UECE, 2010. Disponível em: <http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/1111-07082010-172645.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2023.
- BOMFIM, Z. A. C. **Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo**. Fortaleza: UFC, 2010.
- BOMFIM, Z. A. C. et al. Affective maps: validating a dialogue between qualitative and quantitative methods. In: MIRA, R. G.; DUMITRU, A. (Ed.). **Urban Sustainability: innovative spaces, vulnerabilities and opportunities**. Coruña: Institute of Psychosocial Studies and Research “Xoan Vicente Viqueira”, 2015. p. 131-148.
- CORRALIZA, J. A. Emoción y ambiente. In: ARAGONES, J. I.; AMÉRIGO, M. (Coord.). **Psicología ambiental**. Madrid: Pirâmide, 1998. p. 281-302.
- CUNHA, Caio Cezar. **Proposta de readequação da abrangência territorial dos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) de Londrina-PR**. 2014. 39 folhas, Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.
- CUNHA, Caio Cezar. **Vigilância socioassistencial e informação geográfica no município de Londrina - PR**. 2018. 115 p. Dissertação – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

- ESPINOSA, B. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- FALS BORDA, Orlando. **Investigacion participativa y praxis rural: nuevos conceptos en educación y desarrollo comunal**. Mosca azul editores, 1981.
- KAWAMOTO, M. T. **Análise de técnicas de distribuição espacial com padrões pontuais e aplicação a dados de acidentes de trânsito e a dados de dengue de Rio Claro-SP**. 69 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Botucatu: Botucatu, SP, 2012.
- LAKOFF, G. **Metáforas de la vida cotidiana**. Madri: Catedra, 1980.
- LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires. CLACSO, 2005.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Pontes, 1997.
- OLIVEIRA, N. A. S. A educação ambiental e a percepção fenomenológica, através de Mapas Mentais, **Revista eletrônica mestrado Educação Ambiental**, v.16, jan/jun, 2006.
- PINHEIRO, J. Q.; GÜNTHER, H; GUZZO, R. S. L. Psicologia Ambiental: área emergente ou referencial para um futuro sustentável? In: GÜNTHER, H.; PINHEIRO, J. Q.; GUZZO, R. S. L. (Org.). **Psicologia Ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente**. 3. ed. Campinas, SP: Alínea, 2014. p. 5-13.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidade. **Revista Perú Indígena**. 13(29): 11-20, 1992 RJ: Vozes, 1999.
- SAWAIA, Bader, B. Família e afetividade: a configuração de uma práxis ético política, perigos e oportunidades. In: ACOSTA, Ana Rojas & VITALE, Maria Amalia F. (org.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. 5ª ed . São Paulo: Cortez; Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais PUC SP, 2010. p. 39- 50.
- SOUZA, C. L. **Cognição ambiental e as relações: mapas cognitivos, Ambiente Construído & APO**. Textos do laboratório de Psicologia Ambiental, 1995, vol 4, nº 8. Instituto de Psicologia/ Universidade de Brasília.
- VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- WALSH, Catherine, y "¿Son posibles unas ciencias sociales/ culturales otras? Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales." *Nómadas (Col)* , no. 26 (2007):102-113. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105115241011> Acesso em 06 de ago de 2023.

Recebido em: 30 de agosto de 2023
Aceito em: 15 de setembro de 2023